

SEMANTICIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES DO EIXO TRANSVERSAL NO GÊNERO EDITORIAL JORNALÍSTICO

*Tatiane Henrique Sousa Machado*¹
*Ednéia Aparecida Bernardineli-Bernini*²
*Ana Cristina Jaeger Hintze*³

RESUMO: Este estudo qualitativo-interpretativo propõe a análise da semanticização das preposições do eixo transversal (anterior e posterior) na modalidade escrita do português brasileiro contemporâneo em textos do gênero editorial jornalístico do Jornal Folha de São Paulo, totalizando 58 textos, coletados no período de 01 a 30 de junho de 2012. Para tanto, parte-se do aporte teórico de Castilho (2004, 2010) que compreende por preposições do eixo transversal aquelas que representam o espaço, tomando por referência a orientação do corpo humano: espaço anterior (olhando para frente) e espaço posterior (olhando para trás), das quais derivam os valores temporais de passado e futuro. Justifica-se o estudo das preposições pela comprovação, de base funcionalista, de que a língua não é um sistema acabado, mas em constante transformação, evidenciando a emergência de novas funções para formas já existentes ou novas formas para funções já existentes.

Palavras-chave: Preposição; Semanticização; Funcionalismo.

INTRODUÇÃO

A gramática tradicional, ao fazer descrições linguísticas, muitas vezes, afasta-se do real funcionamento da língua. Com base nessa observação, considera-se a necessidade de pesquisas que priorizem estudar os fatos linguísticos em uso, por meio de enunciados concretos, em contraponto à “língua morta”.

¹ Docente da Língua Portuguesa e Linguagem Jurídica na Universidade Paranaense - UNIPAR Mestranda do Programa de Mestrado e Doutorado da Universidade Estadual de Maringá – UEM

² Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (PR). Possui Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Maringá (2003)

³ Professora Doutora da Universidade Estadual de Maringá, no Programa de Pós-Graduação em Letras.



Nesse contexto, as gramáticas normativas atribuem às preposições o estatuto de palavras vazias de sentido. Sabe-se, contudo, que toda e qualquer palavra carrega um sentido, recuperável por meio de informações contextuais. Nesse propósito, Castilho (2006), a partir da perspectiva funcionalista, apresenta uma proposta de mudança linguística na qual destaca que as preposições possuem sentidos prototípicos e sentidos derivados, por aproximação cognitiva.

A presente investigação linguística, de cunho quantitativo-qualitativo e interpretativo, é orientada à luz da abordagem funcionalista, com base nos estudos acerca da semanticização das preposições propostos por Ataliba T. de Castilho (2004). Logo, toma-se a escala apresentada por esse autor dos sentidos de espaço, tempo, causa e modo, observando que a cognição humana é dotada de “criatividade”: promove novos usos para velhas formas, ou mesmo cria novas formas para velhos usos.

O aporte teórico deste estudo fundamenta-se, além de Castilho (2004, 2010), em Poggio (2002), autora que também se dedica ao estudo do processo de gramaticalização das preposições. Discute-se o conceito de gramaticalização, em específico o processo de semanticização das preposições do eixo transversal, observando os elementos semânticos e pragmáticos envolvidos nos enunciados expostos em editoriais do Jornal Folha de São Paulo que formam o *corpus* da pesquisa.

O critério adotado para composição do *corpus* foi a verificação das ocorrências de preposições nos editoriais, datados de 01 a 30 de junho de 2012. Para tanto, foram tomados exclusivamente os dois textos iniciais não assinados, uma vez que esse jornal conta com colunas de artigos de opinião (assinadas) semelhantes aos textos dos editoriais. Destaca-se que em dois dias foi publicado somente um texto, totalizando 58 editoriais. Para o tratamento dos dados foram adotados os seguintes passos: transferência para arquivo formato “.doc” (Word) e, posteriormente, a seleção, mediante busca automática. Após essa etapa, as preposições foram agrupadas em *anterior* e *posterior*, *simples* e *complexas* e por *étimo*, para, por fim, observar os sentidos à luz do conceito de semanticização.

A reflexão aqui proposta parte do princípio de que as preposições, diferentemente do que considera a gramática tradicional, não são palavras vazias de sentido, já que ligam argumentos remetendo a eles os sentidos de espaço, tempo, modo e causa, tal como compreende Castilho (2004, 2010). A análise das preposições do eixo transversal presentes no *corpus* coletado visa atender aos seguintes objetivos: a) analisar processos de semanticização de preposições do eixo transversal (*anterior* e *posterior*); b) cotejar os resultados relativos ao gênero jornalístico em análise com a escala proposta por Castilho (2004, 2010); c) destacar por meio da semanticização a contribuição das preposições do eixo transversal para a organização dos argumentos do editorial.





Em virtude de o conceito e características conferidas ao editorial jornalístico não serem consenso, dada a própria heterogeneidade dos textos que circulam nesta esfera social, apresenta-se na sequência as noções do assunto adotadas neste estudo. Após as considerações sobre o gênero editorial, apresentam-se na próxima seção os conceitos de preposição na perspectiva tradicional e funcionalista, esta última assumida na presente pesquisa, bem como as contribuições das teorias funcionalistas e o conceito de semanticização, perspectiva deste trabalho. A última seção, antes das considerações finais, é reservada à análise e discussão do *corpus* à luz da teoria em foco.

O GÊNERO EDITORIAL JORNALÍSTICO

Os gêneros discursivos são vinculados a determinadas esferas sociais, dotadas de características sociais e culturais, que lhe conferem a relatividade, já que acompanham as diferentes necessidades humanas, por isso: “enunciados relativamente estáveis” (BAKHTIN, 1994).

Em consonância com esse conceito, os gêneros jornalísticos apresentam fronteiras frouxas; essa vagueza categorial dificulta descrever tais gêneros às últimas consequências (BONINI, 2006), característica latente no gênero abordado neste estudo: o editorial.

O gênero editorial classifica-se como gênero discursivo argumentativo, cuja organização gira em torno da apresentação de ideias, justificativas, sustentações, negociações sobre um determinado fato (PINTO, 2004). Sua estrutura composicional prevê, portanto, as seguintes partes mais ou menos adaptáveis: apresentação do assunto, argumentação, conclusão e fecho (opcional) (PERFEITO, 2007).

Tipologicamente, é um texto opinativo-argumentativo para cuja estruturação adotam-se alguns recursos estilísticos, como a impessoalidade (publicação sem assinatura), visando definir o ponto de vista do *veículo* ou da empresa responsável pela publicação. Por conseguinte, o estilo da página editorial acompanha as tendências do jornal, normalmente equilibrado, conforme a linha deste (RABAÇA & BARBOSA, 1987). No Jornal, foco deste estudo, o editorial localiza-se na segunda página, na primeira coluna.

No Manual da Redação da Folha de São Paulo atribui-se ao editorial o conceito de “texto que expressa a opinião de um jornal”, logo, o objetivo enunciativo do editorial é “expressar a opinião oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão no momento” (MELO, 1980, p. 79), e não a de apenas um autor, pois a responsabilidade é da instituição, ou seja, da empresa editora. Assim, a ausência de assinatura no editorial funcionaria como um mecanismo “manipulador” do leitor, incitando-o a tomar aqueles dizeres como verdades e espectros neutros dos fatos, uma vez que

A estratégia do discurso jornalístico cristaliza um dizer, através de recursos como a apresentação de textos sem autor



explícito. Tal ausência de um nome [...] tem impacto na relação imaginária com o leitor: a noção de credibilidade não pode se relacionar a uma mera opinião pessoal [...] O discurso jornalístico merece crédito justamente porque uma voz genérica sinaliza dizeres que parecem tão verdadeiros, que se tornam Lei” (TFOUNI; ROMÃO, 2004, p. 256).

O estilo de linguagem adotado prevê encadeamentos lógicos, parágrafos curtos nos quais cada frase contém uma só ideia; além disso, pontua os verbos e substantivos como fortalecedores do texto, enquanto adjetivos e advérbios apresentam a tendência a piorá-lo; contudo, abre-se ainda espaço para que o autor interprete os fatos, estabeleça analogias e aponte contradições, desde que sustente sua interpretação no próprio texto (Manual da Folha de São Paulo).

Os recursos argumentativos utilizados devem evitar a utilização de ironia exagerada, a interrogação e a exclamação. O texto tem de ser conciso, desenvolver prioritariamente os argumentos que o jornal defende e, ao mesmo tempo, refutar as opiniões opostas, concluindo com a posição adotada pela Folha (Manual da Folha de São Paulo). A produção tende ainda a eliminar marcas de enunciador, escrito em 3ª pessoa, objetivando não denotar interação com o leitor (GONZÁLEZ, 2006, p. 189).

Para defender a opinião de maneira impessoal, a argumentação exige emprego de certos elementos de articulação (conetivos) e operadores, imprimindo coerência e sentido ao que se diz, uma vez que o uso desses mecanismos já por si só produz certos sentidos em detrimento de outros (FURLANETTO, 2006). A suposta neutralidade é ilusória, “o discurso jornalístico organiza direções de leitura, fazendo circular alguns sentidos e desviando outros tantos indesejáveis” (TFOUNI; ROMÃO 2004, p. 254). Essas “direções” também são indicadas pelo uso das preposições, foco deste estudo.

Faria (1996) acrescenta que os “articuladores discursivos” estão sempre presentes no editorial, já que garantem a coesão de um texto e o encadeamento das ideias. Neste contexto, as expressões modalizadoras formadas pelo verbo “ser” seguido de adjetivo (ex. “é preciso”, “é necessário”...) são frequentemente utilizadas para aumentar a credibilidade do jornal.

CONCEITO DE PREPOSIÇÃO

As preposições são tradicionalmente denominadas palavras invariáveis que precedem uma unidade nominal, exercendo a função relacional, própria da classe dos conectivos. Para Almeida (2005, p. 334, grifo do autor), “a preposição liga *palavras* (substantivo a substantivo, substantivo a adjetivo, substantivo a verbo, adjetivo a verbo, etc.)”. Denomina-a de “palavra invariável que tem por função ligar o complemento à palavra completada (do latim *prae*=diante de, *positionem*=posição) pelo fato de porem na frente de uma palavra outra que a completa” (ALMEIDA, 2005, p. 334). Esse mesmo autor





assevera que as preposições não têm significação intrínseca, própria, mas relativa, pois dependem do verbo com o qual são empregadas.

Semelhantemente, Azeredo (2010, p. 196) entende que “as preposições são palavras invariáveis que precedem uma unidade nominal, convertendo-a em constituinte de uma unidade maior”. Todavia, para Azeredo (2010), as preposições contribuem de forma mais ou menos relevante para o significado das construções das quais participam, já que em alguns casos a preposição não é escolhida, mas imposta pelo contexto sintático (dependo *de* você).

Além das preposições, as gramáticas destacam as locuções prepositivas, ou seja, combinação estável de palavras que equivale a uma preposição (AZEREDO, 2010). As locuções prepositivas (ou preposicionais) são geralmente formadas por advérbios ou locuções adverbiais acrescidas da palavra *de* (ou ainda *a* ou *com*) (SAID ALI, 1964).

Etimologicamente, segundo Said Ali (2001, p. 154), as preposições latinas foram primitivamente advérbios, por isso desempenham papel análogo aos dos sufixos dos antigos casos oblíquos. Aparecem antepostas a substantivos e pronomes, acrescentando-lhes a noção de lugar, instrumento, meio, posse, dentre outros (SAID ALI, 2001). Contudo, esse mesmo autor assevera que o uso das preposições, originalmente, teve um sentido delimitado que sofreu alterações, em detrimento das associações de ideias, alargando o seu domínio semântico.

Cunha e Cintra (2007, p. 555) conferem sentidos espaciais, temporais ou nocionais às preposições, denominando-as de “palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente)”. Para esses autores, a significação das preposições reside na relação que implica movimento ou não movimento (situação resultante), aplicáveis aos campos espacial, temporal e nocional.

No mesmo contexto, adotando uma abordagem funcionalista, Poggio (2002) afirma que as preposições são partículas relacionais que exercem um papel importante na comunicação, pois são elementos fundamentais na estrutura linguística. Essa autora acrescenta que as preposições estruturam metáforas ligadas à orientação espacial; logo, não arbitrarias, em virtude de se basearem nas experiências físicas do homem (em cima, embaixo, fora, atrás). Para tanto, essa autora retoma Lakoff (1980) que entende o tempo como uma metáfora de um objeto em movimento. Portanto, no ponto de vista do homem o tempo vem depois dele “de frente para trás”.

Sob o mesmo escopo de Poggio (op.cit), Castilho (2010), compreende que

as preposições são palavras invariáveis que atuam como: i) ligação de palavras e de sentenças; ii) função semântica: atribuição ao seu escopo de um sentido geral de localização no espaço; iii) função discursiva: acréscimo de informações



secundárias ao texto e a organização do texto (CASTILHO, 2010, p. 583).

Ou seja, as preposições, tradicionalmente, entendidas como “vazias de sentido”, na verdade possuem um sentido de base, o de localização espacial ou temporal, nem sempre percebido (CASTILHO, 2010). Para esse autor, as preposições são reconhecidas quando expressam as categorias: posição no espaço, deslocamento no espaço e distância no espaço. Contudo, os sentidos-base convivem com outros sentidos, não prototípicos, denominados por Castilho (2010) de sentidos derivados, frutos de processos metafóricos.

Desse modo, para Castilho (2010, p. 584), “as preposições são operadores que realizam a relação assimétrica entre o objeto A que queremos localizar (FIGURA) e o objeto B com referência ao qual queremos localizar o objeto A (PONTO DE REFERÊNCIA).” Essa localização é assimétrica, em virtude de que a relação entre o objeto e o ambiente em que ele está localizado leva em consideração conhecimentos reais, tais como: tamanho, conteúdo, orientação, ordem, direção, distância, movimento, explicando a ínfima incidência de “a mesa debaixo do livro” (CASTILHO, 2004).

Com base nessas considerações, Castilho (2004, 2010) propõe o agrupamento de preposição conforme diferentes eixos, isto é: a) *eixo horizontal* (localização lateral) indicando a imagem do percurso, de deslocamento pelos traços inicial e origem (desde, a partir); b) *eixo vertical* (localização superior - sobre, por cima de) e (localização inferior - sob, embaixo de); c) *eixo transversal* (localização anterior - ante, antes de, diante de, em frente de) e (localização posterior - atrás, por trás de, após, depois); d) *eixo da proximidade* (localização proximal - perto de, acerca de) e distal (longe de, distante de); e) *eixo continente/contéudo*: dentro (em, com, entre, dentro de) e localização fora (sem, fora de, na ausência de).

As preposições do eixo transversal representam o ESPAÇO tomando por referência o corpo humano: olhar para frente (espaço anterior) e olhar para trás (espaço posterior). Logo, a visão é fundamental para esse eixo, uma vez que valores temporais de passado (atrás de nós) e futuro (a nossa frente) corroboram essa função (CASTILHO, 2004, 2010). Segundo Batoréo:

O Futuro é conceptualizado como o que vai acontecer *depois* do momento presente, isto é, mais *à frente* (=à *direita*) no eixo da representação temporal – concebido e visualizado como uma linha horizontal que percorre da Esquerda para a Direita -, enquanto o Passado, pelo contrário, é representado como o que aconteceu *antes*, isto é, mais *atrás* no eixo temporal (=à *esquerda*) (BATORÉO, 2000, p. 536, grifos da autora).

Nesse contexto, nota-se um diálogo com o princípio da Gramática Cognitiva:





Cognição deve ser caracterizada pela corporificação [...] há uma forte relação entre os conceitos e a lógica do corpo que deve ser tomado como uma estrutura conceitual originária de nossa experiência sensório-motora e de nossas estruturas neuronais que permitem isso (LAKOFF & JOHNSON 1999, p. 77 APUD KRAVCHENKO, 2006, p.56)

Ou seja, os sentidos denominados por Castilho de “derivados” não são arbitrários, mas levam em consideração experiências concretas do homem com o espaço em que vive.

Segundo Castilho (2010, p. 602), as preposições de espaço anterior dividem-se em três étimos: i) base no étimo indo-europeu *ante* (adiante, antes, anteriormente): as preposições *ante*, *perante*, *diante de*, *antes de*; ii) base no latim *fronte* (frente, testa, parte anterior do rosto): *defronte de/a*, *a/em frente de/a*; iii) base no latim *facies* (face, semblante, beleza, aparência): *em face de*.

Por outro lado, as preposições do espaço posterior organizam-se nos seguintes étimos: “i) derivadas de *trans* e de *atrás de* (do latim *ad + trans*, “no lado oposto à face [nos humanos], “lado oposto àquele que se vê ou de que se fala”): *trás*, *por trás de*, *atrás de*; ii) derivadas de *ad + post*: *pós*, *em pós de*, *depois de*” (CASTILHO, 2010, p. 603).

Com base nessas considerações, os estudos dos sentidos das preposições giram em torno de questões como: “Seriam as preposições dotadas de sentidos base, dos quais decorreriam sentidos derivados? Ou seriam vazias de sentidos e a semântica decorreria dos termos que elas relacionam?” (CASTILHO, 2004, p. 20). Sobre isso a hipótese defendida em Castilho (2004) é que as preposições têm sentidos prototípicos, dados por categorias e subcategorias cognitivas que se desdobram por vários processos semânticos derivados.

Os sentidos prototípicos correspondem às categorias semântico-cognitivas de posição no espaço, deslocamento no espaço, distância no espaço e movimento, nas quais a categoria espaço pode ser descrita em eixos horizontal, vertical e transversal, este último contemplado no presente estudo; contudo, não se pode pensar em representação fiel, dada a criatividade humana, que promove alterações em consonância com as diferentes necessidades de interação (CASTILHO, 2004).

CONTRIBUIÇÕES DAS TEORIAS FUNCIONALISTAS E O CONCEITO DE SEMANTICIZAÇÃO

Tradicionalmente a gramática tem sido compreendida como um mapa taxonômico de categorias, alheio à língua em funcionamento e independente da interação (NEVES, 2004). Essa perspectiva confere ao ensino gramatical caráter prescritivo, atrelado às regras estabelecidas em consonância com a tradição literária clássica (TRAVAGLIA, 2003).

Em contraponto, a teoria funcionalista compreende que a organização gramatical das línguas naturais integra-se à teoria da interação social (NEVES,



1997). Nessa perspectiva, a gramática é reconhecida não como um produto estanque, homogêneo e imutável, mas dinâmica, com mecanismos que emergem das diferentes situações e intenções comunicativas.

Desse modo, esse modelo de abordagem preocupa-se com a estrutura gramatical no interior de uma situação real de comunicação, considerando o objetivo da interação, os participantes e o contexto discursivo (FURTADO DA CUNHA, et. al. 2003), uma vez que o propósito comunicativo motiva um determinado comportamento linguístico, dando-lhe uma forma.

Conceito amplamente discutido pelos funcionalistas, a gramaticalização tem relação com a renovação, ou reorganização do sistema linguístico. Entretanto, os usos mais antigos de uma forma linguística, dos quais as novas funções derivam, não desaparecem necessariamente, seguindo a mesma lógica, o novo uso pode ser discriminado por um tempo, mas aos poucos é aceito pela comunidade linguística (HINTZE, 2009).

Esses “novos usos” não são aleatórios, pois frequentemente fatores cognitivos motivam o falante a criar novos sentidos; caso ilustrativo é o da alteração ocorrida com a preposição *facies* (face, semblante, beleza, aparência), que, por extensão metafórica, origina *em face de*, utilizada como preposição do eixo transversal anterior que “representam espaço situado à nossa frente” (CASTILHO, 2010, p. 602), tal como no exemplo do próprio autor “E como a gente vê é um período ...eNORme **frente ao** que a gente conhece da história humana) (Id. Ibid, grifos do autor.) ou seja, novos usos são promovidos em consonância com as diferentes intenções comunicativas.

Ao processo de criação de novos sentidos ativados por dispositivos sociocognitivos dá-se o nome de semanticização. Nesse processo, ocorre a alteração semântica dos itens gramaticais ou discursivos, em direção ao seu escopo, promovendo assim, a extensão de sentido por emprego de metáfora, metonímia ou outros mecanismos da semântica. (CASTILHO, 2006). Dentre as contribuições para fundamentação desse conceito, destaca-se a Semântica Cognitiva, que se dedica a estabelecer relevos dos participantes de uma dada cena (figura e fundo), bem como relacionar o discurso aos espaços mentais. Portanto, à ativação dos sentidos dá-se o nome de semanticização, em oposição à dessemantização, que é desativação e a ressemantização (novas mudanças).

Por conseguinte, o presente estudo partirá do conceito de semanticização, destacando que as preposições têm sido tomadas inadequadamente como “vazias” de sentido. Entretanto, conforme revelam os estudos funcionalistas, as preposições possuem sentidos prototípicos e sentidos derivados que se renovam em consonância com criatividade humana, a partir da aproximação cognitiva de alguns conceitos mais concretos que caminham para usos mais abstratos. Assim, na próxima seção, apresentam-se alguns conceitos tradicionais e funcionalistas de preposição, visto que o ângulo de observação da língua determina tratamentos distintos no ensino, que pode ser prescritivo ou crítico.





RESULTADOS - ANÁLISE E DISCUSSÃO

A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas nos usos interativos da língua, vinculando-as às condições discursivas deste uso. Para tanto, tomam-se os elementos sintáticos, semânticos e pragmáticos como interdependentes, uma vez que uma dada organização sintática atrela-se à circunstância discursiva e ao contexto no qual ela foi utilizada. Portanto, uma análise funcionalista toma os produtos da semanticização como os sentidos das palavras, nas suas dimensões lexical, sintática e pragmática, no qual o primeiro sentido comum às preposições é o espaço-temporal.

As preposições do eixo transversal anterior representam o espaço situado à nossa frente, cuja designação original é a parte da frente do nosso corpo, preservando com maior ou menor intensidade o valor de ESPAÇO (CASTILHO, 2004). Como já apresentado, reafirmamos que elas dividem-se em três étimos: a) *ant* (testa, fachada, frontispício) de que deriva o advérbio latino *ante* - ante, perante, diante de, antes de; b) do latim *fronte* (*fronte, testa parte anterior do rosto*) defronte de/a, a/em frente de/a, e c) latim *facies* (face, semblante, beleza, aparência): em face de (CASTILHO, 2010, p. 602).

Na tabela a seguir, quantificam-se as ocorrências presentes no *corpus* sob análise:

Tabela 1- Frequência de preposições do eixo transversal anterior

| Preposição | Étimo | Quantidade |
|------------|---------------|------------|
| perante | <i>Ant</i> | 03 |
| diante | <i>Ant</i> | 05 |
| antes da | <i>Ant</i> | 05 |
| antes que | <i>Ant</i> | 01 |
| em face | <i>Facies</i> | 02 |
| em frente | <i>Front</i> | 01 |
| à frente | <i>Front</i> | 02 |
| TOTAL | --- | 19 |

Constata-se a quantidade inferior de preposições do étimo *facies* (2), quando comparada às do étimo *ant* (14), fato também observado nos estudos de Castilho (2004, 2010). Conforme este autor, algumas preposições estão em processo de substituição no Português Brasileiro, o que ocorre com *ante*, destacada como em processo de desaparecimento, substituída pela preposição complexa *diante de*. Tal indício se confirma no *corpus* coletado, visto não terem sido localizadas ocorrências da preposição “ante”, que aparece somente



como prefixo nas ocorrências: *anteontem*, *anteprojetado*, *antecipar*, *anteriormente*. As preposições do eixo transversal anterior mais recorrentes foram *diante de* e *antes da* totalizando 10 ocorrências.

Conforme os achados de Castilho (2004), as preposições *ante* e *perante* preservam o valor prototípico de espaço quando o fundo for lexicalizado por objeto, seja ele [+concreto], conforme as expressões 'perante os respectivos eleitores' e 'perante os parlamentares' nos exemplos (1) e (2) ou [+ abstrato], 'perante a nação' em (3):

(1) Foi, obviamente, recusado. Nenhum governo, da Europa aos Estados Unidos e ao Japão, em meio à grave crise econômico-financeira, tem condições políticas de justificar um gasto desse tipo *perante* os respectivos eleitores. (18/06)

(2) Não resta dúvida de que o impedimento de Lugo se deu sob evidente cerceamento do direito de defesa, cujo exercício ficou confinado a apenas duas horas de argumentação *perante* os parlamentares. (26/06)

(3) Episódios em que a falta de transparência favorece o corporativismo e a cumplicidade com desvios têm servido para desmoralizar o Legislativo *perante* a nação. (07/06)

Também pode ocorrer a mudança de sentido de ESPAÇO anterior para TEMPO anterior, na qual se desativa o sentido de ESPAÇO e ativa-se TEMPO, atribuído à figura (CASTILHO, 2004), conforme as ocorrências encontradas no *corpus* deste estudo:

(4) Parece improvável, contudo, que a mudança seja aprovada *antes da* votação sobre o mandato do parlamentar goiano. (07/06)

(5) O fato de a Caixa ter adquirido participação no PanAmericano *antes da* quebra representava um embaraço para o governo. (08/06)

(6) Todo o esforço da representação brasileira foi fechar um documento de consenso *antes da* chegada dos chefes de Estado e de governo ao Rio, ontem. (21/06)

(7) Haverá uma superposição com os prazos da expansão do sistema 3G, ainda incompleta. Hoje, apenas 52% dos municípios têm cobertura. A data-limite para universalizá-la é 2016, um ano *antes da* 4G. (14/06)

(8) O cerne do escândalo é que auxiliares do presidente Luiz Inácio Lula da Silva utilizavam recursos de origem suspeita para remunerar parlamentares de sua base de apoio. Isso foi admitido à época pelo próprio presidente, que pediu





desculpas à sociedade, *antes que* a popularidade transbordante o estimulasse a negar o que é evidente. (09/06)

(9) Foi considerável avanço *diante* dos prazos que vigiam anteriormente: 30, 20, 10 ou 5 anos, conforme o caso, todos duplicáveis. (18/06)

(10) A realidade já podia ser entrevista bem *antes da* IPO. General Motors e Procter & Gamble pisaram no freio do investimento publicitário na rede, cujos anúncios teriam pouco efeito. GM e P&G estão entre os três maiores anunciantes dos EUA. (20/06)

Nessas ocorrências o sentido temporal é ativado, já que em cada situação os fatos indicados na relação figura/fundo atendem a uma sucessão temporal. Isto é, os fatos se relacionam cronologicamente de modo que o enunciador, supostamente neutro, incita o questionamento sobre os fatos arrolados, objetivando que o leitor chegue a uma conclusão consoante a do jornal, supostamente sozinho.

Na ocorrência (6) no contexto de discussão sobre a Rio + 20 observa-se que temporalmente “o fechamento do documento” (passado) se deu anteriormente à chegada dos chefes de Estado, ficando implícito que o famoso evento não se destinava a discussões, mas à ratificação de acordos anteriores. E em (7) o caráter temporal “2016, *um antes da 4G*”, o argumento em destaque indicia o posicionamento do enunciador sobre o atraso da implantação da 3G tardiamente, e possivelmente o atraso em relação à 4G.

Outro tipo de alteração destacada por Castilho (2004) e Neves (2000) ocorre quando o FUNDO é lexicalizado por um EVENTO, compreendendo a noção de evento como eventualidade, produzindo a metáfora CAUSA que se desloca entre “evento situado num tempo” para “evento causador”, conforme as ocorrências a seguir observadas no *corpus*:

(11) Muito já se falou e escreveu sobre a impropriedade da reunião. Improriedade evidente, *em face da* conjuntura politicamente aquecida pela vizinhança da CPI do caso Cachoeira, centrada na figura de um senador com que o ministro Gilmar mantinha relacionamento próximo o bastante para aceitar caronas de avião. (01/06)

(12) Apesar de todos os exageros e desvios que cercam o projeto, não há alternativa a seguir adiante, *em face* das verbas já comprometidas. Na melhor das hipóteses, a transposição sairá em 2015. (08/06)

(13) *Diante* dos dilemas morais e éticos envolvidos, a descriminalização do aborto teria de ser precedida por um referendo popular. A iniciativa também poderia contribuir para tornar o debate mais objetivo, afastando-o do simples choque de valores inconciliáveis. (12/06)



(14) Nem por isso se admite que a polícia cruze os braços *diante* desses crimes. A facilidade e a reincidência dos assaltos, 38% deles a menos de 500 metros de unidades policiais, contribuem para disseminar uma sensação de insegurança. (14/06)

(15) Por sua vez, o Secovi, sindicato que reúne os principais grupos do setor imobiliário paulista, manifestou "extrema surpresa" e "estorrecimento" *diante* das suspeitas. É certo que as denúncias precisam ser apuradas – e, até prova em contrário, todos são inocentes. (16/06)

(16) O próprio mercado de ações saiu chamuscado. Paira sobre ele a sombra de investigações judiciais e administrativas, *diante* dos indícios de ocultação de informação e de falhas de operação na raiz de prejuízos a investidores de menor porte, que apostaram na novidade e saíram perdendo com a oferta pública inicial de ações (ou "IPO"). (20/06)

Em (11) provavelmente a alteração se deva ao fato de o EVENTO "*conjuntura politicamente aquecida pela vizinhança da CPI do caso Cachoeira*" estar colocado imageticamente à frente de "*impropriedade evidente*". Nesse caso, se o tempo do EVENTO-FUNDO ocupa imageticamente um lugar cognitivamente mais relevante – esta relevância se destaca pela referência do editorialista a um fato mais anterior ainda - que a do EVENTO-FIGURA, que ele passa por metonímia a governar, segue-se que "*conjuntura politicamente aquecida pela vizinhança da CPI do caso Cachoeira*" passa a causador e "*impropriedade evidente*" passa a causado. Nos termos de Fauconier/Turner (2000), o espaço mental situado num tempo projeta um novo espaço, o de "evento causador". Sublinhe-se o fato de que essa relação causador-causado não se circunscreve a uma causalidade efetiva entre os eventos, mas, na verdade, a acontecimentos ou a situações de um mundo, o que, segundo Neves (200) imprimiria relações marcadas por um conhecimento, julgamento ou crença do falante (editorialista). Tais relações existem no "domínio epistêmico"; não são relações entre estado de coisas, mas entre proposições – fatos possíveis que, então, passam pela avaliação do falante. Essa relação é o que a tradição denominou "causa formal". A mesma observação se dá em (12).

A ocorrência "*diante de*", tradicionalmente é denominada como preposição complexa ou locução prepositiva na tradição gramatical. Composta por PRE+ ADV+ PREP não dispõe de estatuto categorial próprio. É a denominada *regramaticalização* em que "itens gramaticais, especificamente preposições, entram em variação às vezes por substituição, assumindo variantes com valor mais geral e outra com valores mais específicos até que a substituição seja consumada." (Castilho, 2004, 590)

A primeira alteração de sentido ocorre quando o dispositivo sociocognitivo desativa na locução prepositiva complexa 'de+ante+de seu sentido prototípico





de ESPAÇO ANTERIOR e ativa concomitantemente o sentido de TEMPO ANTERIOR, atribuído à FIGURA. Essa ativação de passagem do ESPAÇO>TEMPO é resultante da categoria cognitiva de MOVIMENTO, aplicada a objetos localizados no ESPAÇO. Em (13) *a descriminalização do aborto teria de ser precedida por um referendo popular* (passado irrealizável) e *dilemas morais e éticos envolvidos* (futuro). O EVENTO-FUNDO (- acontecimentos no futuro – situações de dilemas morais e éticos envolvidos) ocupa um lugar mais relevante que o do EVENTO-FIGURA(*a descriminalização do aborto*). Como já se evidenciou, o espaço mental “evento situado num tempo” projeta novo espaço, o do evento causador. Parafraseando a ocorrência, poder-se-ia afirmar: *Por causa dos dilemas morais e éticos envolvidos, a descriminalização do aborto teria de ser precedida por um referendo popular*. As mesmas observações e paráfrases poderiam ser retomadas nas ocorrências (14) *por causa dos crimes* (causador) *não se admite que a polícia cruze os braços* (causado); (15) *por causa das suspeitas* (causador), *o Secovi, sindicalizador que reúne os principais grupos do setor imobiliário paulista manifestou “extrema surpresa” e “estarcimento”* (causado); (16) *por causa dos indícios de ocultação de informação e de falhas de operação na raiz de prejuízos aos investidores de menor porte* (causador); *o mercado de ações saiu chamuscado* (causado).

Por fim, percebe-se o sentido de MODO nos usos da preposição complexa “à frente”, que em (17) indica a posição no espaço (à nossa frente); que no enunciado equivale a “com mais intenções de voto”, portanto, a função da preposição neste enunciado é de comparar dois índices.

Também se observa o sentido de MODO e a função comparativa na ocorrência (18): “Em São Paulo, a proporção cai a 9,2%, pouco à frente do Rio, com 8,9% [...]” O emprego da preposição ‘à frente’ somada ao dado estatístico e o advérbio de modo ‘pouco’ atenuam a baixa do índice de São Paulo, uma vez comparados aos do Rio (pouco à frente). .

(17) A confirmação acontece em momento de grande incerteza na campanha. As pesquisas mais recentes indicam empate técnico entre Romney e Obama. Em alguns levantamentos, o republicano aparece à frente do candidato à reeleição. (03/06)

(18) Em São Paulo, a proporção cai a 9,2%, pouco à frente do Rio, com 8,9%. Dos municípios com mais de 1 milhão de habitantes, Porto Alegre está em primeiro lugar, com 23,3%. Brasília, em segundo, tem 16,5%. Números evidentemente baixos – e ainda assim notáveis num país em que, na média de seus municípios, tem apenas 4,7% das ruas com tal tipo de acesso. (11/06)

(19) “Lendo os depoimentos como o de Dilma, pareceria implausível que alguém submetido à tortura e terror tivesse condições psicológicas para seguir em frente, tanto na vida pessoal como na rotina da atuação política.” (26/06).

Assim, a preposição “à frente” remete a objetos que se queira atribuir à orientação dianteira, aproximando-se do seu sentido etimológico que remete “a parte dianteira do rosto ou a parte do corpo” (BATORÉO, 2000, p. 533).

As 19 (dezenove) ocorrências elencadas neste estudo, corroboram, portanto, a escala proposta por Castilho (2004, 2012) de ESPAÇO > TEMPO > CAUSA>, podendo chegar a MODO, pois os sentidos observados foram: espaço (3), tempo (8), causa (6) e modo (2). Além disso, na maioria das ocorrências destaca-se o caráter [+ ABSTRATO], processo comum à gramaticalização.

Na última ocorrência, toma-se a expressão “seguir em frente” como fixa, uma vez que essa estruturação é bastante recorrente. Ressalte-se que a preposição aqui empregada guarda aspectos espaciais e adquire *status* temporal, já faz referência às ações futuras, corroborando as aproximações cognitivas destacadas por Castilho (2004, 2010), pois o futuro está metaforicamente à frente de nosso corpo.

Passando à análise das preposições do eixo transversal posterior, constata-se que elas sofrem processos idênticos de semanticização, nos quais o sentido prototípico de ESPAÇO posterior, desloca-se para os sentidos de TEMPO posterior (CASTILHO, 2004, 2010). Na tabela seguinte, sintetizam-se as ocorrências deste estudo:

Tabela 2 - Frequência de preposições do eixo transversal posterior

| Preposição | Étimo | Quantidade |
|-----------------|----------------|------------|
| atrás do | <i>trans</i> | 01 |
| Trás | <i>trans</i> | 01 |
| Detrás | <i>trans</i> | 01 |
| Após | <i>ad+post</i> | 05 |
| depois de/da/do | <i>ad+post</i> | 17 |
| TOTAL | | 25 |

A tabela revela que a preposição complexa (depois de/da/do) referente ao eixo transversal posterior é mais gramaticalizada, como confirma o maior número das ocorrências do *corpus* em análise.

O sentido etimológico (ESPAÇO) preserva-se quando figura e fundo são expressos por objetos, tal como no exemplo de Castilho (2012, p. 20) “[20 2 RJ/RJ D2 355: 610] e *depois da sala de estar* se você sobe um lance de escada você chega a dois quartos e um banheiro e *depois mais outro lance*”,



ou seja, dois quartos depois da sala de estar guardam sentido de espaço, apontando para o sentido de tempo (duração do trajeto). Entretanto, na presente pesquisa não foi identificado esse tipo de uso (preposições posteriores com valor de ESPAÇO [+concreto]. Contudo, na ocorrência a seguir:

(20) “Por *detrás das manobras* sobressai a figura de Eduardo Campos, governador pernambucano e presidente nacional do partido.” (27/06)

o substantivo “manobras” [+abstrato] metaforicamente está “escondido” por trás da figura do político, guardando, portanto, seu sentido de ESPAÇO, embora [+abstrato].

A maioria das ocorrências aponta para a desativação do ESPAÇO e ativação do TEMPO posterior, em que a FIGURA e FUNDO são expressões temporais precisas ou imprecisas (CASTILHO, 2010), tais como os seguintes exemplos:

(21) *Após* vegetar entre *dezembro e março* no patamar de 3-4% de preferência dos eleitores paulistanos, o pré-candidato do PT a prefeito, Fernando Haddad, deu salto de cinco pontos percentuais na pesquisa Datafolha. (19/06)

(22) As regras *atuais* ainda permitem a aposentadoria precoce, quando comparada com prazos no setor privado. Além disso, *depois de 2008* a chamada “gratificação de desempenho”, que integrava os vencimentos mensais de várias carreiras do serviço público, passou a contar para a aposentadoria. 22/06

(23) Não é demais lembrar, contudo, que 20% de destruição de floresta amazônica equivale a 800 mil km² - mais de duas vezes o território da Alemanha. Para uma devastação que se concentrou no *período após 1970*, é um dado portentoso. (25/06)

(24) Pode-se, por exemplo, comemorar a queda de cerca de 77% no desflorestamento bruto *anual* da Amazônia Legal, *depois de um ciclo de aumento praticamente contínuo, de 1997 a 2004*. (25/06)

(25) A *década de 2000* trouxe grande salto na globalização da produção, com a acelerada incorporação da China no comércio mundial *após sua adesão à OMC em 2001*. (27/06)

(26) *Cinco anos depois de iniciadas as obras* de transposição do rio São Francisco, que prometia ampliar a oferta de água no Nordeste brasileiro, uma severa estiagem volta a castigar o semiárido. (08/06)



(27) *Depois de um início* bastante emperrado, a CPI do caso Cachoeira dá mostras de ativar-se. (02/06)

(28) O procedimento sumário de deposição do presidente do Paraguai, Fernando Lugo, *30 horas depois de deflagrado* o processo de impeachment pelo Congresso, representa surpreendente ruptura na ordem política do país. (23/06)

(29) Mas não se pode tapar o sol com a peneira: mesmo *depois de mais de R\$ 300 bilhões em créditos do BNDES desde 2008*, o investimento continua abaixo de 20% do PIB, quando deveria ser no mínimo 25%. (02/06)

Além disso, Castilho (2004) confere que as preposições do eixo transversal podem atribuir sentido sequenciador ou hierárquico entre os participantes, quando o participante de FUNDO move-se para as costas. Neste caso, em (30), indicia-se o sentido hierárquico entre “os liberais” e o “partido do Colorado”, já que hierarquicamente quem está à nossa frente tem mais “poder”.

(30) Os liberais são a segunda força no Congresso, *atrás do* Partido Colorado. 23/06

Na ocorrência (31) constata-se o sentido sequenciador (temporal), já que ocorre o encadeamento de ações “despachar as bagagens” e “ciência do cancelamento do voo”, deixando supostamente ao leitor que conclua a inabilidade do serviço aéreo brasileiro.

(31) Não é aceitável que um passageiro se dirija ao aeroporto e descubra, *depois de* despachar suas bagagens, que o voo foi suspenso. (07/06)

Mantêm-se também o sentido de TEMPO posterior quando a figura preenchida por expressão referencial concreta se liga a um ponto de referência preenchido por um deverbis ou outro arranjo sintático (CASTILHO, 2010), tais como nos exemplos a seguir:

(32) *A injeção de recursos só será admitida depois de estabelecer-se uma regulação* unificada para os bancos, o que ainda será negociado até o final do ano. (30/06)

(33) *Suspeitas de que uma das mortes tenha ocorrido após a prisão* levaram ao afastamento de policiais. (29/06)





- (34) *A possibilidade de acordo foi reforçada após os benefícios fiscais de ICMS terem sido considerados inconstitucionais pelo Supremo Tribunal Federal. (19/06)*
- (35) *Depois de fracassadas as negociações -de novo- com o BTG, o Fundo Garantidor assumiu a gestão com um aporte inicial de R\$ 1,3 bilhão, que poderá crescer (08/06)*
- (36) *A instalação de uma rede pulverizada de pequenos e médios reservatórios, como as cisternas em domicílios rurais, teria resultados mais práticos que os sonhos de grandeza do governo federal. Continuará necessária, mesmo depois de concluída a intervenção no São Francisco. 08/06*
- (37) *Depois de se expor aos puxões de orelha de Marta Suplicy, nos entendimentos com o PSD do atual prefeito, teve de ouvir recados indiretos de Luiza Erundina, ciosa de manter a "linha justa" esquerdista na chapa à prefeitura. (21/06)*
- (38) *As dúvidas que restavam sobre o retrocesso político no Egito se desfizeram ao longo da semana. Logo depois de fechadas as urnas na primeira eleição livre de um presidente egípcio, a Junta Militar que controla o Estado baixou decretos que restituem poderes ditatoriais ao grupo oriundo do antigo regime. (24/06)*

Ou seja, a presença da estrutura “preposição + particípio” em admitida (32), ocorrido (33), reforçada (34), fracassada (35), concluída (36) e fechada (38), nos dados do *corpus* em estudo, também foram destacadas por Castilho (2010) como uma das formas de marcação temporal. Além disso, os deverbais (prisão – prender, benefícios – beneficiar) empregados também guardam sentido temporal. Entende-se por deverbais as palavras que exprimem ação relacionada a um verbo, e dele derivam. Esses elementos são formados objetivando a utilização da noção verbal em contextos sintáticos que exigiriam um substantivo (BASÍLIO, 2004). Sabe-se que o verbo é uma classe palavra que denota ações, processos, fatos, etc.; esses são situados no tempo. Assim, ao utilizar o substantivo ‘prisão’ no lugar do verbo ‘prender’, por exemplo, deixa-se de exigir as explicitações do sujeito e do objeto (quem prendeu – quem foi preso), assim como tempo (quando foi preso), bem como modo e concordância. Portanto, as exigências de explicitação de complementos do verbo não são transferidas a esse substantivo, já que se desfaz a obrigatoriedade de menção de agentes, objetos ou beneficiários do processo verbal (BASÍLIO, 2004). As próximas ocorrências exemplificam o uso de preposições que se ligam a um substantivo deverbal [+abstrato], conferindo-lhe o teor temporal.



(39) Os brasileiros ajudaram a estabilizar o país *depois da queda* do presidente Jean-Bertrand Aristide. (13/06)

(40) O *crédito*, *depois de incorporar dezenas de milhões* de brasileiros ao mercado, não apenas deixou de ajudar como agora parece atrapalhar o consumo. (27/06)

(41) *Depois do crescimento* acelerado no número de servidores durante as primeiras administrações petistas, o quadro de funcionários civis ativos teve uma redução de 6.000 pessoas, para 562 mil, no primeiro trimestre deste ano. (22/06)

(42) *Depois da Constituição*, o Código Penal é a mais importante peça jurídica. É ele que define os limites de fato à liberdade individual e estabelece quando o Estado está autorizado a exercer violência contra o cidadão, encarcerando-o. (17/06)

(43) Já há exemplos, como a iniciativa Chiang Mai, um acordo de partilha de reservas de US\$ 240 bilhões inaugurado *depois da crise asiática*. (20/06)

Semelhantemente, as ocorrências (39) a (43) as preposições se ligam a um substantivo verbal [+abstrato], conferindo-lhe o teor temporal, já que esses guardam traços temporais da sua formação de natureza verbal. Assim, os elementos verbais: “*queda*” (39), “*incorporação*” (40), “*crescimento*” (41) e “*crise*” (43) cumprem o papel de nomear fatos e ações, sem, no entanto, exigir do enunciador a demarcação explícita dos sujeitos envolvidos. Esse tipo de recurso linguístico presta-se ao gênero textual/discursivo ora analisado, que pressupõe expor informações de modo ‘imparcial’, sem entrar no mérito de algumas ações.

(44) Passos para trás no Egito (24/06)

Por fim, na ocorrência (44), única localizada composicionalmente no título de editorial, também se nota o caráter espacial, já que se observa-se o nome “Egito”. Contudo, a figura “passos” sugere que os “passos para trás” foram tomados metaforicamente, no lugar do “retrocesso”, indicando, portanto, o modo ou circunstância em que se encontra a economia do Egito, apontando assim, de maneira implícita, um juízo de valor.

Semelhante aos achados de Castilho (2004) observa-se a tendência de deslocamento da escala do [+concreto] para o [+ abstrato], atribuindo “novos” valores às preposições, conforme relação cognitiva estabelecida pelo enunciador em determinada situação. Além disso, também se percebe a escala





de deslocamento de sentidos de ESPAÇO, TEMPO, CAUSA e MODO, primordialmente nas preposições anteriores, nas quais se constataram: (03) espaço; (07) tempo; (06) causa; (02) modo e uma ocorrência considerada “expressão fixa”. Nas preposições posteriores destacam-se (1) espaço [+ abstrato]; (1) de modo e 23 temporais. A maior incidência temporal pode ser explicada pela proximidade cognitiva entre espaço e tempo, e também pela natureza do gênero discursivo que objetiva “situar” um determinado assunto no tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo, em consonância com os resultados de Castilho (2004), pode-se constatar que as preposições do eixo transversal possuem sentidos-base e sentidos derivados, frutos de processos metafóricos. Esses processos podem ser explicitados na escala proposta por Castilho (2004) de ESPAÇO > TEMPO > CAUSA>, que se mantém no gênero editorial jornalístico. Contudo, houve maior frequência das preposições posteriores - 25 ocorrências contra 19 ocorrências do eixo transversal anterior nos 58 textos sob análise. Tal incidência deve-se, provavelmente, ao gênero escolhido, editorial, que aborda um fato passado. Metaforicamente, portanto, refere-se a fatos “atrás” de nós. Nos estudos de Castilho, por outro lado, o *corpus* se constitui de anúncios de jornais e correspondências de leitores e redatores (séc. XIX) e entrevistas do projeto NURC (séc. XX), ou seja, situações enunciativas calcadas no presente. Essa observação pode indiciar uma possível relação entre as preposições utilizadas e o gênero discursivo. Entretanto, o *corpus* do presente estudo é pequeno para chegar a essa conclusão, carecendo, portanto, de mais estudos.

Em relação às preposições e os argumentos do gênero editorial, pode-se constatar que as preposições podem apontar para o posicionamento do enunciador. Assim, por exemplo, o valor temporal posterior, ligado a ideia passado, confere via raciocínio metafórico o sentido ‘atraso’, destacando a partir disso o juízo de valor defendido pelo enunciador. Além disso, também confere em alguns casos o sentido sequenciador ou hierárquico, pressupondo um juízo de valor sobre o fato ou ação relatada. Portanto, as preposições não podem ser consideradas elementos de conexão vazios de sentido, pois contribuem para exposição dos argumentos de maneira supostamente “neutra”, incitando o leitor a adotar o posicionamento do enunciador, característica essa fundamental a um gênero discursivo que se dedica a expor a opinião de um grupo social.



PREPOSITION SEMANTIZATION IN THE TRANSVERSAL AXIS OF THE JORNALISTIC EDITORIAL STYLE

ABSTRACT

This qualitative-interpretative study aims to analyze preposition semantization in the transversal axis (anterior and posterior ones) in the writing of contemporary Brazilian Portuguese in texts of newspaper editorials of Folha de São Paulo newspaper, (June 1-30, 2012), totalizing 58 texts, Collected in the period from 01 to 30 June 2012.. Therefore, Castilho's theoretical approach (2004, 2010) based on functionalism is utilized. The study of prepositions by the functionalist proof can be justified because a language is not a finished system, but it is constantly transforming, making evident that there are new functions for existing forms or new forms for existing functions

KEYWORDS: Preposition, semantization, functionalism.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N. M. *Gramática Metódica da língua portuguesa*. 45 ed. Saraiva: São Paulo, 2005.
- AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss*. São Paulo: Publifolha, 2010.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 277-326.
- BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.
- BATORÉO, H. J. *Expressão do Espaço no Português Europeu – Contributo Psicolinguístico para o Estudo da Linguagem e Cognição*. Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Ministério da Ciência e Tecnologia. Coimbra, 2000.
- BONINI, A. *Os gêneros do jornal: questões de pesquisa e ensino*. In: *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- CASTILHO, A.T. de. Diacronia das preposições do eixo transversal no português brasileiro. In. NEGRI, L.; FOLTRAN, M.J.; OLIVEIRA, R.P. de (Orgs). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, p. 11-47, 2004.





_____. *Mudança linguística multissistêmica*. Coletânea de trabalhos apresentados no XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística. Uberlândia, 2006. p. 505-518. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_510.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2012.

_____. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, p. 583-610, 2010.

_____. *Proposta funcionalista de mudança linguística*. p. 01-32. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/ATCastilho001.pdf>> Acesso em: 15 jul. 2012.

CUNHA, C; CINTRA, L. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.

FARIA, M. A. *O jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1996.

FOLHA DE SÃO PAULO. Manual de redação. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/>> Acesso em: 15 jul. 2012.

FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo: Grupo Folha, ano 92, n. 30375 – 30404.

FURLANETTO, M. M. *Argumentação e subjetividade no gênero: o papel dos TOPOI*. Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 6, set/dez 2006.

FURTADO DA CUNHA, M.; OLIVEIRA, A. R. ; MARTELOTTA, M. (org.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GONZALEZ, C. Los sujetos participantes en los editoriales de la prensa escrita chilena. In: *Revista Signos*, (on line). 2006 v. 39, no. 61, p.181-203. Disponível em: <<http://www.scielo.cl>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

HINTZE, A. C. J. Contribuições de pressupostos básicos do funcionalismo para a análise de textos do gênero notícia nos meios impresso, televisivo e on line. ANTONIO, J.; DESIDERATO, J. (org.) *O texto como objeto de ensino, de descrição linguística e de análise textual e discursiva*. Maringá: EDUEM, 2009.

KRAVCHENKO, A. Cognitive linguistics, biology of cognition and biosemantics: bridging the gaps. *Language Sciences*, n. 28, 2006, p. 51-75.

LAKOFF, G; JOHNSON, MARK . *METAPHORS WE LIVE BY* . Chicago and London; The University of Chicago Press, 1980.

MELO, J. M. *A opinião do jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1980.

NEVES, M.H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



PERFEITO, A. M. . Gênero editorial: análise lingüística contextualizada às práticas de leitura e de produção textual. In: *Siget - 4o. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros textuais*. Tubarão: Ed da Unisul - Universidade do Sul de Santa Catarina, 2007.

PINTO, R. B. W. S. . A heterogeneidade constitutiva do ethos no editorial português. *Calidoscópico*, São Leopoldo, p. 25-32, 2004.

POGGIO, R. M. G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

SAID ALI, M. *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3.ed. Universidade de Brasília: Brasília, 1964.

_____. *Gramática Histórica da língua portuguesa*. 8.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

TFOUNI, L. V.; ROMÃO, L. M. S. O MST no discurso jornalístico: confronto de posições de formações discursivas. *Cadernos Estudos Linguísticos*. N. 46(2), jul/dez.2004.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e Interação*. São Paulo: Cortez, 2003.

